

DA LINHA À ESCULTURA: ARTE CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LIBERDADE EXPRESSIVA DAS CRIANÇAS

FROM LINE TO SCULPTURE: CONTEMPORARY ART IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AS CHILDREN'S EXPRESSIVE FREEDOM

 Cássia Calandrini Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, CE, Brasil

Recebido em: dd mmm. aaaa | **Aceito em:** dd mmm. aaaa

Correspondência: Cássia Calandrini Ribeiro (cassia.calandrini01@aluno.ifce.edu.br)

Resumo

Este relato de experiência, fundamentado na perspectiva da pesquisa-ação, tem por objetivo descrever e analisar uma intervenção pedagógica que buscou romper com o modelo tradicional de ensino de arte na Educação Infantil, onde o desenho pronto e a orientação dirigida limitavam a criatividade. O projeto foi desenvolvido em uma turma de infantil 5 (crianças de 5 e 6 anos) numa escola pública em Caucaia - CE e transformou uma exigência curricular (sobre regiões do Brasil) em uma investigação sobre a arte contemporânea, utilizando a obra da artista gaúcha Elisa Zattera como inspiração. Foram propostas experiências com a desmistificação da linha e a exploração de materialidades não convencionais (tecidos, cilindros de papelão). Os resultados demonstram que, ao serem encorajadas, as crianças ampliaram sua autonomia, inventividade e desconstruíram preconceitos sobre o processo artístico, valorizando a experiência de criação em detrimento do produto final. Conclui-se que o percurso valida a urgência de proposições artísticas livres que revelem e ampliem os olhares das crianças para o mundo, apesar da resistência do corpo docente a essa abordagem.

Palavras-chave: Arte na infância; Educação Infantil; Arte contemporânea; Escultura; Materialidades.

Abstract

This experience report, based on the perspective of action research, aims to describe and analyze a pedagogical intervention that sought to break away from the traditional model of art teaching in Early Childhood Education, where ready-made drawings and directed guidance limited creativity. The project was developed with a class of five-year-olds (ages 5 and 6) at a public school in Caucaia - CE and transformed a curricular requirement (about the regions of Brazil) into an investigation of contemporary art, using the work of the Gaucho artist Elisa Zattera as inspiration. Experiences were proposed involving the demystification of lines and the exploration of unconventional materials (fabrics, cardboard cylinders). The results show that, when encouraged, the children expanded their autonomy, inventiveness, and deconstructed prejudices about the artistic process, valuing the experience of creation over the final product. It is concluded that the journey validates the urgency of free artistic propositions



that reveal and expand children's perspectives on the world, despite the faculty's resistance to this approach.

Keywords: Art in childhood; Early Childhood Education; Contemporary art; Sculpture; Materialities.

A liberdade da linha e o desafio de criar com o olhar de artista

*Milagres, não. Mas as coincidências. Vivia de
coincidências, vivia de linhas que incidiam e se
cruzavam e, no cruzamento, formavam um leve e
instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que era mais
feito de segredo.
Clarice Lispector.*

O trabalho pedagógico na Educação Infantil no município de Caucaia - CE é, muitas vezes, regido por projetos curriculares que chegam prontos da Secretaria de Educação e que, em sua maioria, propõem abordagens tradicionais. Embora esses documentos orientadores estejam em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009), que destacam a importância de práticas que “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras” (Art. 9º, XI), assim como com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), que, ao enfatizar as competências gerais da educação básica, salienta a necessidade de “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”, o modo como são operacionalizados os preceitos legais pode levar a práticas padronizadas.

Nesse contexto, como professora regente da turma de infantil 5, que reúne crianças com idades de 5 e 6 anos, percebi que elas estavam acostumadas com um modelo de ensino de arte baseado em desenhos prontos, no qual se determinava o que, como e qual cor utilizar, por exemplo. Essa prática, ainda tão comum, cerceia a criatividade e a liberdade expressiva, e foi o ponto de partida para esta reflexão.

No entanto, além de professora regente da turma, também sou estudante do Mestrado em Artes, no eixo Artes Visuais para/com as Infâncias, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE (campus Fortaleza) e compreendo esta prática como cerceadora da criatividade e da liberdade expressiva. Como professora-artista-pesquisadora em formação, venho buscando uma prática pedagógica que estimule a criatividade e a inventividade das crianças, oferecendo materiais para que elas produzam livremente e ampliem seus repertórios de práticas artísticas. A participação no grupo de estudos Crisálidaⁱ, na Universidade Federal do Ceará (UFC), concomitante com o projeto de mestrado em andamento, também me provocou questionamentos sobre a prática artística que valoriza a arte moderna em detrimento da contemporânea. Essa compreensão se deu a partir do curso “Invencionática: arte

contemporânea, infâncias e educação”, que me proporcionou o aprofundamento de leituras e práticas sobre a arte contemporânea na infância. Em uma das discussões com o grupo Crisálida, a arte contemporânea foi descrita como uma espécie de “bicho-papão”, justamente por não ter nada “controlado”, uma ideia que achei perfeita para atender à necessidade das crianças de aprender que a arte é uma expressão livre e dialógica, e não uma atividade padronizada.

Nesse contexto, este relato de experiência, fundamentado na perspectiva da pesquisa-ação, já que “toda pesquisa-ação é singular e define-se por uma situação precisa concernente a um lugar, a pessoas, a um tempo, a práticas e a valores sociais e à esperança de uma mudança possível” (Barbier, 2004, p. 119) tem como objetivo descrever e analisar uma intervenção pedagógica com as crianças que buscou romper com o modelo tradicional do ensino de arte. A justificativa para esta pesquisa-intervenção reside na necessidade de proporcionar às crianças da Educação Infantil um contato com a arte contemporânea, ampliando seus repertórios e desmistificando a ideia de que a produção artística deve ser controlada e padronizada.

Da linha que se solta à escultura que ganha vida

Para atender à demanda curricular do mês de abril, que previa a abordagem sobre a Região Sul, decidi apresentar às crianças a artista gaúcha Elisa Zatteraⁱⁱ, que trabalha com esculturas a partir de diversos materiais, como ferro e madeira (Figura 1).

Figura 1 – Obras de Elisa Zattera.



Fonte: Rede Social da Artista. Disponível em: <https://www.facebook.com/artistaelisazattera/photos>. Acesso em: 25/09/2025.

O principal conceito que eu quis trabalhar foi o de que a obra de arte não fica pronta em um único momento, mas sim através de um processo que leva tempo, estudo e dedicação. Através das redes sociais da artista, encontrei vídeos de suas produções, exposições e fotografias de suas obras, que foram apresentadas para as crianças, impressas e expostas na sala.

Comecei nossa jornada com a linha, atentando para o que aponta Derdyk (2024, p. 32):

Desparafusar a noção de linha representacional - aquela que simula uma equivalência em relação ao referente - explicita mais o embate, fusional ou não, da coreografia entre as matérias e o gesto do que a acomodação dos sentidos em uma forma moldada, apontando para o reconhecimento de outras qualidades expressivas que estruturam a gramática viva da linha.

A linha, que é o início de qualquer produção artística, precisa, antes de tudo, ser desmistificada, assim como a ideia das crianças sobre a representação gráfica naquele momento. Para isso, apresentei a primeira proposta às crianças: com cartolina duplex amarela e caneta pincel atômico vermelha iniciamos as primeiras produções da linha, com a perspectiva de ampliar as possibilidades para as crianças e apresentando outras maneiras de se expressarem, como afirmam Fusari e Ferraz (2001, p. 86):

Dentro do caráter expressivo da linha, pode ocorrer que as pessoas tenham maneiras particulares de expressar seus grafismos, devido ao modo de segurar o lápis, o carvão, a caneta, o que resulta em traços com qualidades distintas de pressão. Essas diferenciações expressivas são comuns a todos nós, inclusive aos artistas, embora estes possam criar variações tensionais propositadamente.

Ao reconhecer os próprios meios de expressão através da linha que produziam no papel, as crianças experienciaram força, leveza, pressão, rapidez, calma e com isso observaram as expressões coletivas na obra final. Durante o processo, as crianças reclamavam e buscavam formas figurativas, como corações e pessoas.

Questionavam: “O que é para fazer?”; “Pode fazer o nome?”. Eu reforçava a proposta de “somente linhas”, pedia que observassem as obras da artista e se inspirassem nelas para produzir suas “próprias linhas”. e o processo só se tornou fluido quando uma criança, de forma espontânea, usou o corpo todo para se mover sobre o papel, criando uma linha cheia de curvas (Figura 2).

Aproveitei o momento para reforçar a ideia, e começaram a reproduzir o movimento, encontrando a liberdade que a proposta pedia.

Figura 2 – Crianças produzindo linhasⁱⁱⁱ.



Fonte: Autora, 2025.

Na próxima experiência, as crianças receberam tiras de tecido para fazerem uma colagem, a linha já estava pronta. Elas colaram os tecidos em um suporte de papelão que já haviam pintado. Com mais liberdade e autonomia, não tentaram produzir formas figurativas, a dificuldade residiu no manuseio da cola e do tecido.

Foi fascinante observar as diferentes soluções encontradas, como enrolar o tecido em um ponto ou tentar dar a ele a forma do papelão, mostrando um movimento já mais livre e consciente (Figura 3). Sobre linhas e tecidos, a autora Souza (2022, p. 27) destaca que:

[...] dentro da prática com as múltiplas linguagens que perpassam nas brincadeiras, na música, no teatro, na literatura, nas artes visuais e entre tantas outras possibilidades, acreditamos que um mesmo objeto ou uma mesma situação são diversas vezes compreendidos pelas crianças de maneiras totalmente diferentes; ela se torna na ação, na experimentação propositora de seu próprio percurso.

Com o convite a experimentar outro material e suas possibilidades de criação, as crianças vão também ampliando seus repertórios, construindo vocabulários próprios para a utilização de materiais diversificados na significação de suas produções.

Figura 3 – Crianças realizando colagem com retalhos de tecido.



Fonte: Autora, 2025.

O ponto alto da experiência foi a construção da nossa própria escultura. Provocada pelo texto “arte para adiar o fim do mundo” (Santiago et al, 2024), disponível no site ArteVersa^{iv} e pensando no seu questionamento “Como ressignificar as obras a partir do contexto ambiental em que todos nós atuamos?”, sugeri utilizar rolos de tecido de papelão, e pensei como dar forma a esta matéria antes outra materialidade, conforme Ostrower (2014, p. 130):

Nas crianças, o criar - que está em todo seu viver e agir - é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. Ainda que ela afete o ambiente, ela não o faz intencionalmente; pois tudo o que a criança faz, o faz em função da necessidade de seu próprio crescimento, da busca de ela se realizar. O adulto criativo altera o mundo que o cerca, o mundo físico e psíquico; em suas atividades produtivas ele acrescenta sempre algo em termos de informação, e sobretudo em termos de formação. Nessa sua atuação consciente e intencional, ele pode até transformar os referenciais da cultura em que se baseiam as ordenações que faz e aos quais se reportam os significados de sua ação.

A criatividade, conforme Ostrower (2014), é um processo que depende das possibilidades e vivências do indivíduo. Por isso, ao proporcionar novos materiais para as crianças, busquei ampliar seu potencial de criação e a sua capacidade de se expressarem através da arte.

Ainda inspirada pelos estudos com o grupo Crisálida sobre arte contemporânea e na artista em estudo, decidi apresentar os rolos de papelão pendurados no centro da sala, construindo uma pequena instalação de artes para que, com tintas e pincéis, as crianças

pudessem pintar (Figura 4) explorando assim, também as possibilidades do corpo, desconfigurando o “corpo sentado” do dia a dia.

Figura 4 – Crianças pintando rolos suspensos na coluna da sala referência.



Fonte: Autora, 2025.

O trabalho em equipe foi um desafio, assim como a movimentação do rolo. Neste momento, as crianças criaram estratégias como se deitar no chão para pintar e segurar o rolo para que o colega pintasse. Foi lindo ouvir elas dizerem “olha tia, estamos trabalhando em equipe, eu seguro e ele pinta e depois é a minha vez!”. Sobre isso, declara Santos (2021, p. 83): “a arte e as instalações contemporâneas nos retiram do habitual, ressignificando os objetos e materiais que nos são conhecidos e possibilitam um modo de estar diferenciado por meio da arte”.

Em um processo análogo ao dos artistas, que exploram a materialidade e utilizam o corpo como ferramenta integral na produção de suas obras, as crianças são convidadas a reconhecer esse mesmo potencial expressivo. Embora possa haver um desconforto inicial diante do que é novo e livre, a familiarização com essa prática permite que elas descubram a fluidez de suas forças e a amplitude de suas expressões. Em meio à euforia da pintura, vieram as reclamações: “Estamos nos sujando de tinta!”. Intervi para ressignificar a experiência, destacando que aquilo não era sujeira, mas sim arte, e que a pintura nas mãos, braços e roupa fazia parte do processo de criação.

Em seguida, deixei as crianças brincarem livremente com os rolos para que eles “quebrassem” e se transformassem em longas tiras de papelão. Após o espanto inicial de ver o

rolo se desfazendo, foi uma euforia. Ao finalizarmos a montagem da escultura com fita transparente, as crianças celebraram: “Tia, ficou incrível!” (Figura 5).

Figura 5 – Escultura finalizada.



Fonte: Autora, 2025.

Sobre a materialidade, destaco o que versam as autoras Cunha e Souza (2022, p. 105):

Com relação à materialidade dentro das múltiplas linguagens das crianças, enfoca-se o que podemos ver, perceber e fazer para que as experiências ligadas à arte e outras linguagens, assim como a criação possam existir em um contexto visível e apreciável. A materialidade dá uma consistência física ao processo de construção.

Acredito que esse percurso de criar e recriar sobre um único material, explorando as potencialidades do corpo e da criatividade infantil, deve ser mais explorado na Educação Infantil enquanto proposição artística que revela e amplia os olhares das crianças para o mundo.

Os desafios e as conquistas da arte contemporânea

Todas as produções foram expostas na sala, e convidamos as famílias para apreciar. A valorização e o incentivo dos pais foram visíveis, e pudemos ouvir comentários como “Vocês são uns artistas!” e “Por isso ela chegou em casa pedindo para não jogar fora os rolos!”. A experiência mostrou que as crianças já dão valor a outros materiais e entendem que é possível fazer arte com tudo.

Apesar do sucesso junto às crianças, o projeto também evidenciou a resistência à arte contemporânea no ambiente escolar. Outros professores questionaram a intencionalidade da proposta, com comentários como “Eu prefiro arte clássica” ou “Isso eu não entendo, o que é isso?”, demonstrando a mentalidade que associa a produção artística apenas ao domínio técnico ou à representação figurativa reconhecível.

A experiência, no entanto, validou a necessidade de romper com esses padrões. Além de oferecer às crianças outras possibilidades de exercerem a criatividade em suas produções, a intervenção possibilitou o aprendizado sobre materiais e materialidades, a desconstrução de preconceitos como “estou sujo” ou “não sei fazer” (por falta de um modelo), e o fortalecimento de habilidades como o trabalho em equipe. A felicidade de ver suas produções finalizadas e compartilhá-las com suas famílias demonstrou que o sucesso do projeto foi muito além do resultado: foi a experiência que perpassou todo o processo e que certamente marca as crianças para futuras proposições livres de/com a arte.

Referências

- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da; SOUZA, Lidiane Cristina Loiola. Materiais e materialidades: qual o lugar deles na Educação Infantil? In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). *Arte Contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando*. Porto Alegre: Zouk, 2022. p. 101-114.
- DERDYK, Edith. *O corpo da linha: anotações sobre desenho*. Belo Horizonte: Relicário, 2024.
- FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloisa Correia de Toledo. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LISPECTOR, Clarice. *O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SANTIAGO, Ana Paula. et al. *Arte para adiar o fim do mundo*. ArteVersa, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/>. Acesso em: 25 set. 2025.
- SANTOS, Nathalia Scheuermann dos. Instalação de jogo e Educação Infantil: possibilidades de interlocução com a Arte Contemporânea. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). *Arte Contemporânea e educação com crianças: inventários educativos*. Porto Alegre: Zouk, 2021. p. 79-91.
- SOUZA, Lidiane Cristina Loiola. A materialidade dos tecidos e linhas permeando pelas múltiplas linguagens na educação infantil: contextos, narrativas e possibilidades. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). *Linguagens da arte: percursos da docência com crianças*. Porto Alegre: Zouk, 2022. p. 27-38.

ⁱ O Grupo Crisálida Art&educação em (trans)formação é um grupo de estudos da Universidade Federal do Ceará, vinculado à Faculdade de Educação (FACED/UFC) surgiu como um espaço fundamental para atender uma demanda formativa no campo da arte e da arte/educação colaborando nos diferentes níveis de ensino. Para saber mais: <https://www.instagram.com/grupo.crisalida/>. Acesso em: 25/09/2025.

ⁱⁱ Elisa Zattera, graduada em artes plásticas pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Para saber mais: <https://www.sesc-rs.com.br/galeriavirtual/elisazattera/>. Acesso em 25/09/2025.

ⁱⁱⁱ Autorização de uso de imagem das crianças assinada pelos responsáveis no início do ano letivo com a professora da turma/autora deste relato, permitem a veiculação das fotografias.

^{iv} Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência. Para saber mais sobre o grupo ArteVersa: <https://www.ufrgs.br/arteversa/>. Acesso em: 25/09/2025.